EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E A POTENCIALIZAÇÃO DA VIDA URBANA: interações entre jovens e idosos

EXPERIENCIAS AFECTIVAS Y MEJORA DE LA VIDA URBANA: INTERACCIONES ENTRE JÓVENES Y MAYORES

AFFECTIVE EXPERIENCES AND THE ENHANCEMENT OF URBAN LIFE: INTERACTIONS BETWEEN YOUNG AND ELDERLY

TELES, MATEUS ROMUALDO

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU-UFPel - Professor de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade São Francisco do Ceará – FASC - mateusromualdoteles@gmail.com

PEREIRA, GISELE SILVA

Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental pela Oxford Brookes University, Professora de Turismo na Universidade Federal de Pelotas – UFPel – gisele_pereira@hotmail.com

PORTELLA, ADRIANA

Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Brasil, e da Heriot-Watt University, UK – adrianaportella@yahoo.com.br

RESUMO

O encontro entre diferentes gerações no espaço público tem sido apontado como indicador de melhoria da qualidade do ambiente e da vida das populações. As relações intergeracionais e a afetividade viabilizam a transmissão, reprodução e transformação do mundo social em seus contextos éticos e políticos, onde os afetos são uma dimensão mediadora e potencializadora desse processo de ação/transformação dos espaços da cidade. Todavia, mesmo havendo uma evolução na produção de pesquisas envolvendo as relações intergeracionais nos espaços urbanos, ainda são escassas aquelas que tenham como foco a afetividade e o senso de lugar. Através de uma perspectiva socioambiental e afetiva, esta pesquisa teve como objetivo compreender como a interação entre as gerações com base nas apropriações e nos afetos pode cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana. A pesquisa contou com um estudo de caso no bairro Vicente Pinzón, na cidade de Fortaleza/CE, no qual foram aplicados com jovens e idosos entrevistas semiestruturadas e mapas afetivos. Os resultados da pesquisa indicam uma qualidade positiva apontada entre os jovens e idosos moradores com relação ao bairro Vicente Pinzón, porém, também é percebida uma constante insatisfação com a insegurança e com o esquecimento do lugar pelo poder público. Ainda assim, a comunidade demonstra constante vontade de gerir seus espaços a fim de contribuir com a potencialização de seu território, mostrando resistência.

PALAVRAS-CHAVE: percepção ambiental; relações intergeracionais; afetividade; senso de lugar; espaços públicos.

RESUMEN

El encuentro entre diferentes generaciones en el espacio público ha sido visto como un indicador de mejora de la calidad del medio ambiente y de la vida de las personas. Las relaciones intergeneracionales y la afectividad posibilitan la transmisión, reproducción y transformación del mundo social en sus contextos éticos y políticos, donde los afectos son una dimensión mediadora y potenciadora de este proceso de acción/transformación de los espacios urbanos. Sin embargo, si bien hay una evolución en la producción de investigaciones que involucran las relaciones intergeneracionales en los espacios urbanos, aún son pocos los estudios que se centran en la afectividad y el sentido de lugar. A través de una perspectiva socioambiental y afectiva, esta investigación tuvo como objetivo comprender cómo la interacción entre generaciones basada en apropiaciones y afectos puede cooperar con la mejora de las relaciones persona/ambiente y de la vida urbana. La investigación incluyó un estudio de caso en el barrio Vicente Pinzón, en la ciudad de Fortaleza/CE, en el que se aplicaron entrevistas semiestructuradas y mapas afectivos. Los resultados de la investigación indican una calidad positiva entre los residentes jóvenes y adultos mayores en relación al barrio Vicente Pinzón, sin embargo, también se percibe una constante insatisfacción por la inseguridad y el abandono del lugar por parte de las autoridades públicas. Aún así, la comunidad demuestra un deseo constante de gestionar sus espacios para contribuir al desarrollo de su territorio, demostrando resistencia.

PALABRAS CLAVES: percepción ambiental; relaciones intergeneracionales; afectividad; sentido de lugar; espacios públicos.

ABSTRACT

The meeting between different generations in public space was seen as an indicator of improving the quality of the environment and people's lives. Intergenerational relationships and affectivity enable the transmission, reproduction and transformation of the social world in its ethical and political contexts, where affections are a mediating and enhancing dimension of this process of action/transformation of city spaces. Through a socio-environmental and affective perspective, this research aimed to understand how interaction between generations based on appropriations and affections can cooperate with the enhancement of person/environment relationships and urban life. The research involved a case study in the Vicente Pinzón neighborhood, in the city of Fortaleza/CE, in which semi-structured interviews and affective maps were applied. The research results indicate a positive quality among young and elderly residents in relation to the Vicente Pinzón neighborhood,

however, a constant dissatisfaction with insecurity and the neglect of the place by public authorities is also perceived. Still, the community demonstrates a constant desire to manage its spaces in order to contribute to the development of its territory, demonstrating resistance.
KEYWORDS: environmental perception; intergenerational relations; affectivity; sense of place; public spaces.

Recebido em: 03/06/2024
Aceito em: 25./11/2024

1 INTRODUÇÃO

A conexão estabelecida com a vida urbana é um meio relevante de manter-se socialmente ativo, principalmente quando se trata de um grupo etário que tende a se isolar de atividades sociais, como os idosos, e de outro que necessita de um ambiente de socialização para o processo de desenvolvimento, como os jovens (Intergenerational, 2005). A partir de uma perspectiva socioambiental vinculada à vida pública do senso de lugar, a temática deste trabalho são as relações intergeracionais pautadas na sociabilidade urbana e na adoção de políticas públicas que corroborem com o bem-estar dessas populações e com a potencialização da vida urbana. A potencialização da vida urbana considera o território como local de ação/construção e busca agir por meio da elaboração e efetivação de políticas públicas focadas na participação popular, a fim de contribuir com uma melhor qualidade de vida no espaço urbano. As cidades são manifestações do individual e da experiência coletiva, uma vez que existe uma multiplicidade de trocas que ajudam na produção da sociabilidade. No entanto, o desafio continua sendo a investigação de quais as intervenções, especialmente quais políticas urbanas, podem influenciar favoravelmente a potencialização da vida urbana, já que a mesma está associada a aspectos das necessidades básicas, do ambiente físico e da imagem vinculada à paisagem urbana (Jacobs, 2011; Ferraz, 2013; Gallo; Bessa, 2016).

No início do século XXI, a interação entre mais de uma geração, denominada como relações intergeracionais, passou a ter uma visibilidade com base no estímulo à vida e potência dos espaços urbanos, onde todas as idades estão ligadas ao direito à participação ativa na sociedade e na vida pública (Melville; Hatton-Yeo, 2015). Todavia, nos espaços da cidade ainda existem tensões preocupantes com diferentes grupos etários, especialmente entre jovens e idosos (Holland *et al*. 2007). A aproximação entre as gerações é um bom indicador para a diminuição dessas tensões (O'Sullivan; Mulgan; Vasconcelos, 2010) e os espaços públicos têm papel fundamental nas trocas sociais e nas possibilidades de interação, porém, algumas vezes, podem acabar gerando segregação entre as faixas etárias. As relações entre jovens e idosos dificilmente ocorrem sem incentivo ou condições propícias (LONDON, 2008). Por esse motivo, a qualidade do ambiente urbano é importante, pois além dos atributos físicos, atende as necessidades psicológicas que contribuem com um estilo de vida mais saudável para todos (Mahdjoubi; Spencer, 2015). Nesse caso, a Psicologia Ambiental considera como o espaço é caracterizado de forma física e como ganha significados (Gibson, 1986). Como contribuição a este estudo, os Programas Intergeracionais (PIs) surgem como uma alternativa para minimizar o preconceito etário e incluir a comunidade nos processos decisórios de seus espaços. Geralmente, os programas propõem atividades que oportunizem trocas de experiências e aprendizagens entre distintas gerações na cidade, a fim de benefícios individuais e sociais (UNESCO, 2000). Essa interação social entre gerações na cidade é também um diálogo com a premissa de um ambiente urbano mais sustentável (Mahdjoubi; Spencer, 2015), mas para explorar o potencial da intergeracionalidade é preciso compreender a relação de jovens e idosos no espaço urbano.

Estudos como os de O'Sullivan, Mulgan e Vasconcelos (2010) mostram a dificuldade de idosos em "se apropriar" dos espaços urbanos e sua tendência ao isolamento, ao medo de locais desconhecidos, a falta de transporte e acesso, além das mudanças físicas que os fazem perder a relação que tinham com aquele lugar (Bomfim, 2003). O público jovem que se encontra em transição entre a infância e a fase adulta não se identifica com espaços projetados para crianças ou adultos e são frequentemente expostos à criminalidade (Layne, 2009). Assim, as práticas intergeracionais são necessárias para recuperar o espaço urbano para ambas as gerações (Haider; Kaplan, 2004). Nesse contexto, o problema de pesquisa deste trabalho é a não inclusão de jovens e idosos no processo de ação/transformação dos espaços da cidade e a desconsideração de seus vínculos com os lugares (Abrams; Hogg; Marques, 2005). Assim, consequências negativas ao nível psicológico e dos comportamentos podem ser geradas (Sawaia, 2011; Quintas, 2010), pois ainda há uma insuficiência na articulação de políticas públicas de reintegração social com as gerações (Sousa; Almeida, 2001), focadas no senso de lugar. A partir disto, o presente trabalho tem como objetivo compreender como a interação entre jovens e idosos, com base nas apropriações e nos afetos, pode cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana.

2 INTERGERACIONALIDADE E O SENSO DE LUGAR

O que se tem observado nos dias atuais é que há uma maior convivência entre diversas gerações, denominada assim como Relações Intergeracionais - RI (Mota, 2010). Essas relações compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo (Vitale, 1997; Ferreira, 2004). Pinheiro Junior (2005) complementa que essas relações representam o compartilhamento de experiências sociais referentes às fases históricas que cada pessoa passa, a partir de um conjunto de valores e ideias resultantes de um determinado contexto. Essas relações possibilitam o aprendizado do movimento de sociabilização e sua dimensão temporal, fazendo perceber que os indivíduos envolvidos têm uma base complexa que, para além de relações familiares, pode atingir o âmbito social como um todo (Neri, 2005; Ferreira, 2004). Martini (2015) complementa, colocando que a as relações intergeracionais podem acontecer entre diferentes grupos etários, podendo estender-se até quatro gerações, o que acarreta a importante relação que existe dos avós/avôs com a sociedade. Cada geração possui seus próprios interesses, que estão atrelados às suas vontades e motivações pessoais, influências políticas, econômicas, sociais e culturais, e por essa variedade que se dá a importância de dividir esses valores entre as gerações, mostrando, então, que intergeracionalidade é um facilitador na transmissão desses valores, em que oportuniza-se a troca de conhecimentos no momento em que as gerações se encontram (Carvalho, 2012).

A prática intergeracional é vinculada à participação ativa dos indivíduos de todas as idades dentro da sociedade e lida com todas as gerações, uma vez que esse estímulo do convívio intergeracional é importante na medida em que as relações, valores e comportamentos são flexibilizados, contribuindo com a quebra do preconceito etário (etarismo) (Ferrigno, 2003; O'Sullivan; Mulgan; Vasconcelos, 2010; Melville; Hatton-Yeo, 2015). Esse preconceito está ligado, principalmente, à relação das demais gerações com o público idoso, em que a sociedade tende a fazer com que eles se sintam excluídos e/ou segregados. Isso pode gerar um bloqueio em estabelecer relações com outras gerações, acarretando o isolamento social, gerando efeitos negativos de cunho psicológico e comportamental (Carvalho, 2012). Contudo, já existem diversos incentivos de práticas culturais e comunitárias para unir as gerações (Kaplan *et al*., 2007) e, no início do século XXI, a intergeracionalidade foi reconhecida como estímulo à potencialidade urbana, lidando com tensões etárias e reduzindo preconceitos.

Incentivar o convívio intergeracional é reconhecer, por exemplo, que a pessoa idosa tem um papel muito importante como ator social dentro da cidade e é vista como experiente na troca dessas relações, podendo contribuir para qualquer que seja a geração na construção de suas bases de identidade, cultura e sociabilidade (Andrade, 2008; González-Celis, Esquivel; Jiménez, 2005). As relações intergeracionais produzem efeitos relevantes para a experiência e a qualidade de vida das pessoas jovens e idosas e têm implicações importantes para a coesão comunitária. A sua prática é geralmente de pequena escala, consistindo em programas e projetos intensivos, em ambientes específicos, onde jovens e idosos partilham atividades planejadas, com o objetivo de enriquecer as relações intergeracionais e provocar uma série de resultados positivos para os indivíduos e para as comunidades, como a inclusão social dos jovens e dos idosos na comunidade (Pain, 2005; Branco, 2014).

As necessidades das gerações consideradas neste estudo são distintas e sua socialização no espaço urbano depende de atividades que respeitem essas particularidades, mas que também as unam pelas suas semelhanças (Layne, 2009). Libardoni (2018) destaca a segurança no meio público, onde os jovens possam explorar o espaço e os idosos se sintam mais seguros para desenvolver suas atividades, trazendo autonomia e independência. Todavia, é importante que também existam métodos que contribuam com a potencialização do senso de lugar a partir da convivência entre gerações. Esse vínculo afetivo transforma o ambiente e o deixa mais "dócil", ou seja, jovens e idosos, como grupos mais vulneráveis, conseguem sentir-se mais seguros em utilizar esses espaços. Um ambiente dócil potencializa o uso individual, permitindo que cada um possa ter um maior aproveitamento de determinado espaço, além de contribuir para a melhoria dos comportamentos dos indivíduos e para as características do meio (condições para deslocamento, usos, orientação, socialização, etc.). No entanto, é sempre importante questionar para quem o ambiente é bom, não somente se ele é por si só (Albuquerque, 2019). Embora a 'docilidade ambiental' seja um conceito usado para o envelhecimento, pode-se aplicar também em outros contextos de faixa etária (Günther; Elali, 2018).

Existem diversos fatores que contribuem para o comportamento do indivíduo dentro de um espaço, mas destacam-se os elementos que são ligados à docilidade do ambiente físico e social, onde o usuário tem a possibilidade de manifestar-se de forma livre, participar das atividades coletivas ou até isolar-se (se/quando julgado necessário) e participar na tomada de decisões dentro do seu espaço, gerando autonomia e vínculo com o lugar (Günther; Elali, 2018). É importante ressaltar que todas as gerações devem estar inseridas dentro

dessa tomada de decisões no ambiente em que vivem e se relacionam, uma vez que as modificações temporais do lugar estão ligadas diretamente aos vínculos e afetos estabelecidos (Bomfim, 2003). Essa vinculação entre pessoa/ambiente é estabelecida com o tempo, pois conforme o espaço vai sendo habitado e apropriado, consolidando as relações, significados e interpretações, os usuários vão dotando o espaço de valor, transformando-o em lugar (Tuan, 1983). Os indivíduos desenvolvem sentimentos em diferentes níveis de intensidade e valor a respeito do espaço habitado, chamado de topofilia (Tuan, 1980). A construção social dos lugares se dá a partir dos vínculos entre a pessoa e o espaço, constituindo-se a partir das relações e dos afetos que existem ali (Moranta; Pol, 2005). Corroborando com a assertiva anterior, Bomfim (2003, p. 61) diz que "a cidade é o lugar dos encontros, da intersubjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos. Os pensamentos, as ações e os afetos não se originam na essência de cada um, mas na relação".

Com base nessas relações e nos seus vínculos com o lugar, a afetividade vem como contribuição para compreender o espaço urbano, possibilitando investigação das formas como as pessoas se conhecem e se relacionam com o ambiente (Pol, 2003; Bomfim, 2010). Ou seja, na Psicologia Ambiental configura-se como a "[...] expressão das dimensões afetiva, de atração do lugar e de autoestima", sendo "[...] indicadora de um processo de apropriação dos habitantes, de identificação e de ação-transformação" (BOMFIM, 2010, p. 218). Em termos psicológicos, o apego emocional é crucial para determinar como são desenvolvidos o significado (*meaning*) e o sentido de lugar (*sense of place*). A dimensão temporal também é extremamente importante, uma vez que o senso de lugar pode ser construído através das memórias que vão sendo atreladas a locais específicos, a permanência no lugar e a resistência de um espaço público ao longo do tempo. Todavia, mesmo que a familiaridade (*familiarity*) seja importante no processo de apego ao lugar (*attachment*), cada vez mais as mudanças sociais e a homogeneização devido à globalização vêm desafiando as noções que norteiam esta relação de empatia entre ambiente e usuário (Phillips, 2013; Dines *et al.*, 2006). É vital, portanto, a atribuição de sentido de lugar a locais não familiares.

Baseado em Agnes Heller, Bomfim (2010) aponta que a estima de lugar pode ser explicada, também, a partir dos sentimentos orientativos. Segundo esses, as disposições positivas e negativas atuam como guia revelador dos gostos e das ações (Heller, 2004) do indivíduo de uma determinada sociedade, expressando a forma como ele estabelece relações com um determinado estrato social, com a comunidade, com a cidade e com a sociedade, sendo essa relação de conhecimento interiorizada a partir das vivências e das relações. Nesse sentido, deve-se levar em consideração que o senso de lugar pode trazer vivências positivas e negativas ao indivíduo. As vivências negativas (medo, insegurança, frustração, tristeza, raiva, etc.) diminuem o potencial de ação do sujeito para com o ambiente; por outro lado, as positivas (alegria, identificação, segurança, prazer, agradabilidade, etc.) podem contribuir com a potência de ação, gerando, consequentemente, uma identidade pessoal e coletiva que fortaleça o sentimento de cidadania (Bomfim, 2010).

Diante do exposto, o sentido de lugar compreende a relação pessoa-ambiente conectando as relações socioespaciais estabelecidas ao longo do tempo. O surgimento e fortalecimento do sentido de lugar está entrelaçado com a transformação do espaço em lugar, uma vez que as características provindas deste conceito podem ser individuais, dinâmicas e dependentes das interpretações humanas sobre os estímulos que o ambiente pode causar (Jorgensen; Stedman, 2001). A estima com o lugar pode ser uma potência de ação (Sawaia, 2011; Silva, 2013) para a transformação das realidades vivenciadas pelas gerações. Afinal, não há como se pensar em mudanças sem pensar o território, logo, estimar o lugar relaciona-se com o cuidado com quem nele vive (Bomfim; Martins; Linhares, 2015). Bertini (2014) pesquisou as várias gerações e suas diferentes formas de apropriação do espaço urbano. Ela concluiu que o planejamento do espaço urbano, quando é feito sem levar em conta os afetos (estima de lugar) ético-políticos (ação-transformação), não produz a semelhança e a igualdade entre os moradores, ao mesmo tempo em que gera uma maior passividade dos citadinos frente às perspectivas de transformações políticas do espaço urbano (Bomfim; Sousa, 2018). A discussão feita nesta seção aponta a premissa de que só se pode pensar em uma qualidade ambiental sustentável quando existir um projeto urbano que apoie, encoraje e inclua todas as gerações no processo. A afetividade, como eixo integrador de ação/transformação dos espaços e parte do senso de lugar, deve aliar-se a participação popular na construção de sua própria cidade. Uma vez que isso continue a ser desconsiderado, a vontade do usuário de agir sobre o seu ambiente continuará diminuindo e as cidades cada vez estarão mais segregadas.

3 METODOLOGIA

Este estudo é caracterizado como exploratório, a fim de proporcionar uma visão mais aproximada acerca de um fato (Gill, 2016). Ao tratar da interação entre jovens e idosos na cidade e de como essas populações se relacionam nesse espaço através dos afetos, a abordagem desta pesquisa classifica-se como qualitativa e fenomenológica, uma vez que as experiências visualizadas em campo possibilitam a interpretação da essência das coisas e como elas são percebidas no mundo, dentro de seus contextos e significados (Seamon; Gill, 2016).

Estudo de caso

Com a finalidade de atingir o objetivo desta pesquisa foi delimitado o estudo de caso ao Bairro Vicente Pinzón, na cidade de Fortaleza no estado do Ceará. Os critérios escolhidos para o referido estudo de caso foram: (1) as experiências de um dos pesquisadores na realização de um Projeto de Gerontologia Ambiental com cunho intergeracional; (2) a localização com foco na concentração etária (jovens e idosos) em um bairro vulnerável e; (3) a proximidade com os centros sociais e comunitários. As duas praças definidas para este estudo foram: a Praça do CRAS e a Praça do Mirante. Ambas as praças se encontram a 234 e 494 metros, respectivamente, da Associação e do Centro Comunitário do bairro. Localizada em uma área de abrangência à Associação de Idosos do Mucuripe Oscar Verçosa, ao CRAS e ao Centro Comunitário existentes no bairro, a praça do CRAS é um espaço utilizado para a realização de atividades com os moradores. Seu entorno caracteriza-se pelo uso comercial e misto, onde se tem a presença também de uma escola de ensino fundamental, escola de esportes, quadra e estádio de futebol. Para a presente pesquisa, levou-se em consideração a diversidade de uso da praça, os equipamentos e infraestrutura existentes, a fim de explorar a possibilidade de um espaço potencial para atividades multigeracionais com intermédio dos centros sociais e comunitários existentes.

Segundo dados da Prefeitura de Fortaleza (2019), a Praça do Mirante, cujo nome é o mesmo da rua onde está localizada – Rua do Mirante, situa-se em um dos pontos mais altos do bairro e possui vista para o litoral leste e oeste da cidade de Fortaleza, além de ser um dos principais pontos turísticos da capital do Ceará. No ano de 2015, o Governo do Estado do Ceará e a Prefeitura de Fortaleza deram início a ordem de serviço para a requalificação da Praça do Mirante. Essa praça foi escolhida porque, além de ter potencial turístico por conta de sua vista para os litorais, é um dos locais mais utilizados pelos moradores como fonte de renda, além do lazer (Fortaleza, 2015). A praça conta com espaços de convivência e grandes áreas para caminhada, *playgrounds*, áreas de alimentação, academia ao ar livre, anfiteatro e com uma vista de boa parte da cidade. Para fins de análise, a pluralidade mencionada nos usos da praça e em sua estrutura apontam um grande potencial na apropriação de distintas gerações.

Métodos de coleta dos dados

Mapas afetivos

As relações afetivas entre jovens e idosos na cidade foram investigadas a partir do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA), elaborado por Bomfim (2010), que analisou os afetos e sentimentos das pessoas em relação ao ambiente urbano em Barcelona e em São Paulo. Diferindo do trabalho realizado pela autora em cidades como um todo, o presente estudo é realizado com duas gerações (jovens e idosos) e suas relações em espaços específicos de um bairro (praças). Desse modo, foram feitas algumas adaptações na formulação, organização e aplicação do instrumento para melhor compreendermos as particularidades de cada público a fim de atingirmos o objetivo proposto. A metodologia dos mapas afetivos tem como base os mapas cognitivos ou mentais de Lynch (1960), que elabora uma base conceitual a partir da inter-relação entre pessoa/ambiente e suas expressões simbólicas. O mapeamento afetivo traz a afetividade como elemento condutor/mediador da ação/transformação nos espaços mediante a participação popular.

A partir de adaptações da metodologia de Bomfim (2010), o mapa afetivo foi composto pelos seguintes itens: identificação (caso necessário); estrutura (desenho); significado; sentimentos; metáfora e sentido. Para a presente pesquisa não foram utilizados dados quantitativos possibilitados pelo instrumento. O Centro Comunitário do Vicente Pinzón foi o espaço utilizado para a confecção dos Mapas Afetivos do grupo idoso (idade a partir de 60 anos), em 08/12/2022, e os Mapas Afetivos do grupo jovem (com idades entre 18 e 24 anos) foi realizado no CITS Mucuripe em 14/12/2022. Para a elaboração do mapa, primeiramente, foi preenchido por um dos pesquisadores o item 1, de identificação. Em seguida, foi entregue uma folha A4 em branco ao participante, solicitando que realizasse um desenho do bairro mencionando as praças selecionadas. Essa etapa é importante, pois, como explicou Bomfim (2010), serve para deflagar um processo de representação imagético antes de se expressar as emoções sobre o lugar de forma escrita. Foi explicado

ao participante que qualquer auxílio com o desenho poderia ser solicitado, além de dar outras alternativas de representar o lugar, como, por exemplo, através de poemas, como foi feito por dois dos jovens.

Durante o processo ou quase na finalização do desenho, um dos pesquisadores em diálogo com o participante foi preenchendo os demais itens, tais como o item 2, estrutura, categorizando o desenho como cognitivo ou metafórico. Na etapa 3, significado, foi pedido ao participante uma explicação da construção de seu desenho e logo em seguida, na etapa 4, sentimentos, que sentimentos ele ou ela tem/tinha por aquele lugar. No próximo item 5, metáfora, foi requisitado aos respondentes que comparassem esse lugar expressado no desenho com alguma metáfora, uma vez que se deu exemplos práticos, para facilitar a compreensão do que seria a metáfora. Entendemos a metáfora como um modo de apreensão dos afetos por desvelar em linguagem figurada, o cultivo da intimidade, a experiência da vida cotidiana, permitindo o "*insight*" comunitário e a coletividade (BOMFIM, 2010). E, por fim, no último item 6, sentido**,** foi realizada a análise dos desenhos e das respostas de cada mapa afetivo. Com base nisso foram identificados e interpretados nos mapas quais pontos são comuns e quais diferem entre os jovens e os idosos, levando em consideração seu resultado. Ao final foi feita a análise de conteúdo de Bardin (1979), na qual puderam ser observados os resultados dos desenhos vinculados aos sentimentos dos participantes, auxiliando na compreensão da potencialização da vida urbana.

Entrevistas semiestruturadas

Com a finalidade de compreender como a intergeracionalidade e a afetividade podem cooperar com a potencialização da vida urbana no bairro Vicente Pinzón, foram realizadas oito entrevistas semiestruturas com 4 jovens e 4 idosos participantes do Centro Comunitário e/ou CITS Mucuripe. A entrevista semiestruturada é uma conversa registrada entre pesquisador e entrevistado, em que se busca compreender o pensamento, a opinião, as crenças, as divergências e até desabafos sobre determinado assunto (Günther, 2008; Rheingantz *et al*., 2009; Seamon; Gill, 2016). Foi feito um contato prévio em 10/11/2022 a fim de explanar de forma clara o propósito da entrevista, para saber como estavam acontecendo as atividades intergeracionais entre jovens e idosos no bairro e se existem alternativas baseadas nisso que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida na cidade e na relação entre a comunidade.

As entrevistas foram feitas nos momentos de interação programados pelo CITS e Centro Comunitário, onde tinha *coffee break*, forró e aulas diversas. Os dias de aplicação das entrevistas foram: 08/12/2022 com o público idoso no Centro Comunitário e 14/12/2022 com o público jovem no CITS Mucuripe. Notou-se a importância de realizar as entrevistas juntamente com os Mapas Afetivos a fim de um método complementar o outro. As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo (Bardin, 1979). A partir dos achados, a construção das categorias de análise se relacionou com o senso de lugar que as distintas gerações têm com os objetos de estudo, assim como características ambientais, modos de uso e apropriação, de memória, de afeto e de como enxergam a intergeracionalidade como potência de ação (ou não) dentro da vida urbana. Para o presente trabalho, a categoria da intergeracionalidade como potencializadora da vida urbana é analisada em detalhes na próxima seção.

4 POTENCIALIZAÇÃO DA VIDA URBANA E O DESVELAR DOS AFETOS

As relações intergeracionais na cidade foram reconhecidas no início do século XXI como estimulantes à potencialidade urbana, lidando com tensões etárias e reduzindo preconceitos. Aliado a isto, Bomfim (2010) afirma que ouvir e considerar a voz dos cidadãos pode ser o caminho para o desenvolvimento de uma ética (ação) na cidade. Então, a cidadania neste caso está relacionada diretamente ao território onde o ser humano vive e constrói seu modo de vida, uma vez que ela é a chave para um acesso mais democrático na construção de espaços urbanos mais saudáveis para todas as gerações. O incentivo intergeracional na cidade é reconhecer a potencialidade que o idoso tem em trocar experiências com os mais jovens, encorajando-os a preservar e cuidar dos seus espaços, contribuindo assim, para uma cidade mais saudável a partir da preservação dos vínculos estabelecidos com os lugares. A intergeracionalidade pode contribuir para uma maior apropriação dos espaços da cidade, especialmente em lugares que representam algum vínculo afetivo retratado pelos usuários. Essa afirmativa é percebida nas colocações de dois dos entrevistados:

> Seria uma coisa positiva pra viver né, ficar na praça, porque se tiver um povo assim mais jovem a gente se sente até mais segura, o negócio é que a gente vai pra esses lugares, volta cedo… passa pouco tempo… porque pra gente da nossa idade é perigoso. Eu acho. (EI_03_76anos).
> (...) então aqui e acolá eu gosto de andar ali pelo Mirante com minha companheira… porque ali tem os policiais e os jovens gostam muito de ficar até altas horas, e aí quando a gente vai sabe que tem algum movimento, mesmo que seja pouco… antes tinha mais né. (EI_04_75anos).

Nesse mesmo viés, o vínculo estabelecido nos espaços aliado às relações entre jovens e idosos, como grupos mais vulneráveis, possibilitam um sentimento de maior segurança ao utilizar esses espaços, tornando-os mais dóceis (Günther; Elali, 2018). Para isso, retomamos Lynch (1982) que destaca a importância da imagem mental para o sujeito nas dimensões de identidade, estrutura e significado. Para que se construa um vínculo positivo com o espaço, transformando-o em lugar (Tuan, 2013), os jovens e idosos precisam vivenciá-lo e ter bons encontros, por exemplo.

A construção de mapas cognitivos ou mentais é um processo que acontece através da vivência no espaço, onde podemos ser afetados de forma cognitiva ou afetiva. Na metodologia adotada por Lynch, tem-se a cognição e o conhecimento ambiental centrado na estrutura que o espaço é traduzido para o indivíduo, compreendendo-o de forma fragmentada e individual. Neste intervalo, Bomfim (2010) acessou esses dois níveis, sem desconsiderar o terceiro, o campo dos significados dos espaços, indispensáveis para o senso de lugar. Pelo olhar de Vygotsky, o significado é o desenvolvimento dos processos cognitivos carregados de sentidos pelas vivências individuais no meio cultural, ou seja, o lado mais afetivo. Assim, apresentamos através de desenhos, poemas ou qualquer outra forma em que os jovens e idosos conseguiram desvelar seus afetos pelo bairro. Para melhor organização da apresentação dos resultados dos Mapas Afetivos dos jovens e idosos, foram elaboradas duas nuvens de palavras, sendo a primeira (esquerda) do grupo jovem e a segunda (direita) do grupo idoso (Figura 2.1). A seleção de palavras se deu a partir das metáforas, significados, sentimentos e qualidades elencados na construção do desenho do Mapa Afetivo sobre o bairro Vicente Pinzón. No preenchimento das informações gerais para o mapa, dos 8 respondentes apenas 3 deles não são nascidos no bairro, porém vivem há muitos anos no território, exceto pelo Idoso 04 que mora há apenas 4 anos. Mesmo com algumas diferenças temporais, ainda assim, é perceptível a predominância de uma estima de lugar positiva entre jovens e idosos.

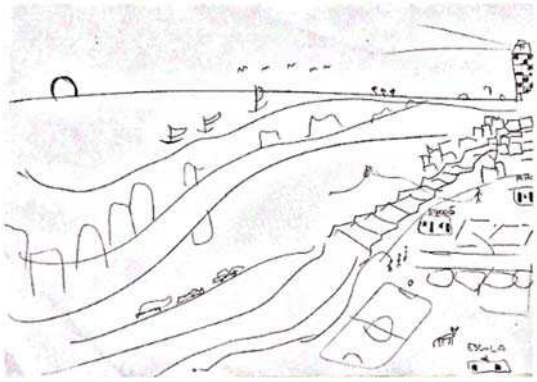
Figura 2.1: Nuvens de palavras elaboradas a partir dos Mapas Afetivos dos Jovens (esquerda) e Idosos (direita).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

De modo geral, os sentimentos destacados sobre o bairro nas respostas dos jovens giraram em torno das seguintes palavras: Esperança, Orgulho, Acolhimento e Admiração. Os quatro jovens fazem parte dos Programas Sociais do bairro e relatam principalmente que há esperança em fazer o bairro resistir mesmo sofrendo ameaças frequentes acerca da especulação imobiliária. O território como um todo representa um lugar de orgulho e que margeia tanto os bairros mais ricos da cidade quanto o mar (forte símbolo do Grande Mucuripe). Na imagem feita no Mapa Afetivo (Figura 2.2) elaborado pelo Jovem 03, são destacados diversos elementos simbólicos para os moradores, tais como: escadarias, a orla do mar, as praças e os Centros Sociais.

Figura 2.2: Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 03.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As escadarias são apontadas para além de um elemento de circulação, elas também servem como permanência e acesso aos locais mais altos do bairro, como por exemplo, a Praça do Mirante. Sendo o ponto mais alto, o jovem relata que a contemplação da vista com a orla da praia (paisagem), é um ponto muito importante pois o mar é um dos maiores símbolos de um território onde vivem muitos pescadores. Não é à toa que, as ruas foram sendo nomeadas com o passar do tempo com os nomes de alguns, como se pode verificar na fala do Jovem 02:

> E uma das histórias que eu preservo mais do Mucuripe é essa questão, sabe? Porque até o nome das ruas aqui da comunidade são nomes de peixes e de pescadores, tá ligado? Rua Pescador Chico Bidar, Rua da Enxova, é… vamos dizer assim, Avenida dos Jangadeiros, Manuel Dias Branco - que foi um dos grandes pescadores que anos atrás, na década de 90, a reivindicar direitos lá no Rio de Janeiro e morreu por lá, tá ligado? O conhecido, Manuel Jacaré… então é muito simbólico pra gente (Jovem 02).

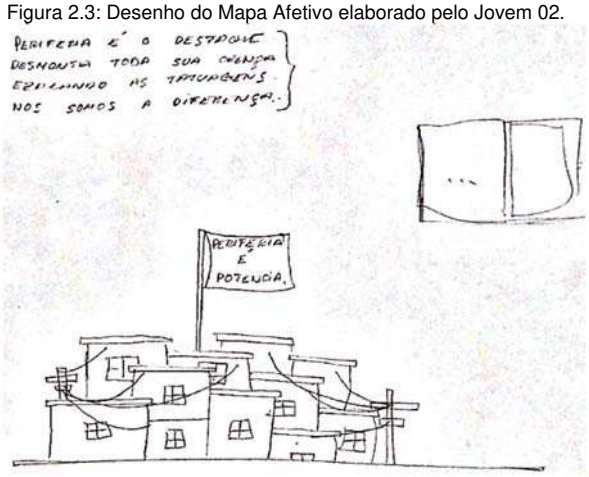
Pelo exposto, segundo Gehl (2010) e Lynch (2011), tanto as escadarias quanto as praças se classificam como marcos e referências urbanas, enquadrando-se dentro dos indicadores de qualidade espacial, em termos de legibilidade e permeabilidade. Todavia, o Jovem 02 é um dos articuladores do CITS Mucuripe e em sua experiência, percebe que os espaços como as praças têm tido uma ausência de apropriação, acarretada principalmente pelo sentimento de insegurança, diminuindo assim a identidade com o lugar. Libardoni (2018) destaca que a segurança no espaço público é uma forma de trazer autonomia e independência a jovens e idosos, contribuindo assim para uma maior apropriação dessas duas faixas etárias. Além disso, o Jovem 03 menciona o silêncio do poder público e o esquecimento de cuidado com o território, percebendo ao longo do tempo várias intervenções físicas nas praças e nas ruas, mas que rapidamente voltam à uma situação precária. A partir da fala, é notória a vontade dos moradores de agir na mudança e na autogestão dos seus espaços, mas é apontado que as pessoas nunca são consultadas quando é realizada qualquer intervenção no bairro. O entrevistado acredita que esse esquecimento provém especificamente da especulação imobiliária ao colocar que:

> (...) estamos às margens – seja literalmente do mar – onde construímos nossa história e às margens de grandes projetos, como por exemplo: a “requalificação da beira-mar”. E os prédios altos que impedem nossa visão da orla da praia, a gente se sente cada vez mais engolido e principalmente, esquecidos (Jovem 03).

De forma metafórica, o Jovem usa a metáfora “Paraíso na Terra” ao referir-se ao Vicente Pinzón, pois para ele é como se fosse um respiro em meio a uma cidade tão desigual. A questão de sentir-se totalmente esquecido pelo poder público foi um sentimento quase unânime entre todos os participantes desta pesquisa, demonstrando a relação que isso tem com à cidade de Fortaleza como um todo, pois como aponta a Organização das Nações Unidas é a segunda cidade brasileira mais desigual do país, atrás apenas de Goiânia. Aliado a essa afirmativa, a caracterização física do lugar é comparada a um castelo de madeira – como metáfora produzida pelo Jovem 02, tanto pelo visual das casas (lembrando um castelo) (Figura 2.3), e a madeira representa o material de que as habitações eram feitas antes de receberem uma infraestrutura mais adequada – reforçando que, ainda hoje funciona dessa forma. Neste caso, é percebido que a paisagem

urbana das casas é um aspecto simbólico positivo para os moradores e que essa estrutura de madeira é feita pelos moradores desde a época do movimento de ocupação feito de pescadores.

Figura 2.3: Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 02.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

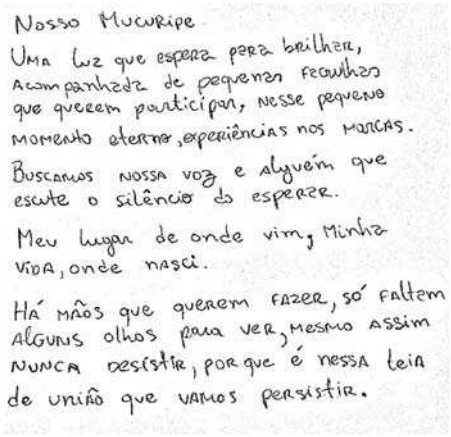
Para representar o sentimento pelo bairro, o Jovem 02, *rapper* do território e articulador do CITS Mucuripe, coloca que o lugar é potência, elaborando no momento que confecciona seu Mapa Afetivo, um trecho de *rap* para falar do lugar:

> Periferia é o destaque, desmonta toda a sua crença... exalando as tatuagens, nós somos a diferença. Periferia é potência! (EJ_02_21anos).

O jovem é compositor, *rapper* e faz artes urbanas com a 'pichação', o mesmo relata que o poder público não o reconhece e outros diversos artistas como algo bom para a cidade, pois desfaz e invisibiliza o que a população (especificamente jovem) faz no bairro como forma de resistência, ocupação e de legado (identidade). Pontua ainda que se considera um marginal – por morar às margens da burguesia e que luta todos os dias com os seus, apesar de tudo, para continuarem sendo "os donos" do Mirante, o grande Mucuripe. A partir dessa colocação de "os donos do Mirante", podemos dialogar com a vontade de continuar com um fortalecimento comunitário e de criação de uma rede de apoio entre a comunidade em geral, incluindo distintas gerações. Isso ajuda a desbloquear o que Sawaia (2001) denomina como potencialidade de emergir a inteireza do indivíduo que se produz na coletividade através do corpo e da consciência. A autora atribui também, e neste momento enfatizamos o grupo jovem, a possibilidade de ao longo do desenvolvimento, ter a geração de uma ação afetiva (social) e efetiva (compromissada), desfragmentando as relações mercantis e individualizantes impostas pela nossa sociedade. Neste caso, a intergeracionalidade aparece como um dos aspectos que pode contribuir com a potencialização da vida urbana.

Como já mencionado, a vontade de agir sobre o território, transformando-o e fortalecendo em seus aspectos simbólicos é um sentimento destacado por todos os jovens e idosos. Partindo desse pressuposto, na elaboração de seu Mapa Afetivo, a Jovem 01 acredita na inserção e na participação popular nas transformações do seu território, destacando que cada geração que ali nasce e resiste é responsável pela potência que daquele lugar emerge. Isso pode ser observado na fala dos autores Andrade (2008) e Gonzáles-Celis *et al*. (2005), os quais ressaltam a importância do papel da pessoa idosa na troca de experiência com os mais jovens no sentido de fortalecer e preservar as memórias afetivas do lugar. Ainda neste viés, percebe-se que a experiência da Jovem 01 implica de forma mais forte nos níveis simbólicos pautados em uma vinculação positiva ao lugar, baseados em Giuliani (2003). Os aspectos estruturais e físicos não são desconsiderados, todavia, o problema está mais concentrado na desconsideração dos vínculos afetivos e na inserção de toda a comunidade nas transformações do seu território. A partir do poema como representação do sentimento pelo bairro (Figura 2.4), é percebido uma força no afeto pelo lugar e a demonstração de uma vontade de agir na autogestão dos espaços, embora as pessoas continuem não sendo escutadas. De todo modo, é visto que a desistência de resistir não é uma opção, mesmo quando se resiste em uma área onde os olhos da especulação imobiliária não se fecham.

Figura 2.4: Poema elaborado pela Jovem 01 na construção de seu Mapa Afetivo.



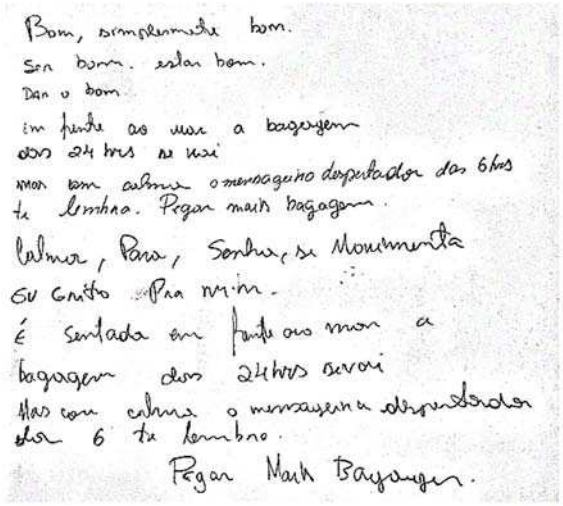
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os resultados da pesquisa do *PlaceAge* (2018) em diálogo com Silva *et al.* (2018) corroboram com a insatisfação de jovens e idosos na desvalorização de suas opiniões na tomada de decisões em projetos urbanos de requalificação pelo poder público. Bomfim (2003) enfatiza: todas as gerações devem estar inseridas dentro dessa tomada de decisões no ambiente em que vivem e se relacionam, uma vez que as modificações temporais do lugar estão ligadas diretamente aos vínculos e afetos estabelecidos. Mas, antes de somente inserir a população em decisões projetuais de requalificação urbana, é preciso ouvir as problemáticas elencadas pelos próprios moradores que muitas vezes partem de outro contexto. As falas do jovem entrevistado demonstram a insatisfação de não serem inseridos nas decisões de intervenção feitas em seu bairro:

> (…) não adianta de nada reformar todo ano algum lugar e a gente da minha idade não se sentir seguro lá. A polícia já ajuda muito, mas nem sempre é tranquila e o movimento não acontece se não tiver lugar adequado lá, por exemplo um negócio de sanduíche, um bazar… agora à noite tem que ser mais iluminado porque é muito escuro… Eu mesma não aguento ficar muito tempo sentada naqueles bancos, sem encosto e ruim de sentar.... o povo que mora nos arredores é que cuida das plantas da praça, mas a prefeitura faz é arrancar… eu aposto que se tivesse uma horta pro povo cuidar, um lugar bem estruturado, se nos é impedido de usar? É complicado, cara… Só querem que os turistas usem pra tirar foto (EJ_02_21anos).
>
> É meio contraditório, porque quando o poder público precisa, até profissionais de outras áreas, é a gente que eles procuram, tá ligado? Procura um chefe de bairro, um articulador comunitário, uma pessoa que interaja e seja porta-voz… então quando se tem qualquer tipo de intervenção e projeto, só vai dar certo pra entrar de fato no território, se tiver essa articulação entre comunidade e poder público, tá entendendo? (EJ_02_21anos).

É percebido a partir do jovem entrevistado, que não há um diálogo horizontal entre o poder público e os moradores, as intervenções aparentam não funcionar e a população demonstra cansaço e insatisfação em ser consultada de modo inicial, mas sem ter um retorno efetivo. A desconsideração dos aspectos simbólicos acarreta o esvaziamento desses lugares de convívio, gerando insegurança e medo de permanecer, além de diminuir a qualidade da vida urbana. Um dos aspectos para contribuir com a potencialização da vida urbana é a preservação da memória do lugar, seja em aspectos físicos ou simbólicos. Os locais tidos como familiares reforçam o sentido de lugar, especialmente por carregarem uma memória coletiva do espaço, onde a população produz um vínculo positivo gerando potência de ação aos espaços urbanos (Valente-Pereira, 1991; Maricato, 2014). A interpretação (sentido) do Mapa Afetivo (poema) elaborado pela Jovem 04 (Figura 2.5) decifra o bairro e o lugar a partir da passagem “o mensageiro despertador das 06:00 te lembra, pegar mais bagagem...”. A jovem metaforicamente interliga o lugar com o sentimento de resistência; uma vez que o “te lembra” pauta-se na potencialização do lugar através das memórias, das histórias, da força que este bairro carrega através dos ensinamentos passados e “preservados” através das distintas gerações. E o “pegar mais bagagem”, pauta-se no sentido de sempre continuar a construção simbólica do lugar através de mais aprendizado entre a geração nova e a mais antiga.

Figura 2.5: Poema elaborado pela Jovem 04 na construção de seu Mapa Afetivo.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O significado de expansão ultrapassa o sentido literal da forma física urbana e chega à expansão no que diz respeito às memórias afetivas e sentimento de pertencimento ao lugar. Todavia, é importante destacar a qualidade ambiental referida em: “bom, simplesmente bom, está bom...” revela também um sentido de mesmice e esquecimento. A boa qualidade acaba se aliando ao lugar como casa e acolhimento, porém a percepção dos moradores é que não é um lugar visto pelo poder público como potência. A respondente é uma das articuladoras das atividades intergeracionais que acontecem no CITS Mucuripe e Centro Comunitário e por causa disso, enxerga o bairro como uma árvore genealógica, onde destaca a importância de preservação das memórias e dos legados repassados de geração para geração. Esse desejo de preservar as memórias dos lugares aliado a uma visão positiva sobre o mesmo, podem ganhar um caráter transformador, conforme Bomfim (2010), uma vez que para a autora, a necessidade de ação-transformação para o bem comum na cidade, primeiramente nasce no desejo do sujeito, transformando-se em ação potencializadora. Por isso, o afetivo-cognitivo é eixo integrador para uma ética e política na cidade, não só o cognitivo racionalizante do conhecimento ambiental.

Outrora, os elementos elencados pelo Jovem 03 carregam também um forte simbolismo para os idosos, sendo percebidos em seus Mapas Afetivos. Os elementos que aparecem são: o Farol (símbolo de orientação e afeto das famílias de pescadores); as escadarias (percursos e permanências); a orla (como separação da comunidade com o mar); as jangadas (como símbolo da fonte de renda das famílias); e as praças (espaços livres). Predominam nos desenhos elaborados pelos idosos, o Farol (Figura 2.6) e as praças.

Figura 2.6: Desenhos do Farol feitos pela Idosa 01 (esquerda) e Idoso 04 (direita).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Relatado pela Idosa 01, o Farol do Mucuripe é elemento de orientação, tanto para os navios que chegam ao porto, quanto para os próprios moradores do bairro Vicente Pinzón. A proximidade com sua residência contribuiu também para que a participante escolhesse o Farol para representar a memória afetiva. A mesma destaca que além disso, é ponto de encontro de várias gerações, onde especificamente durante à noite reúne diversos jovens que permanecem ali para aproveitar a comida que é vendida informalmente nas calçadas das residências, muitas vezes pelos próprios idosos. A idosa pontua também que o "antigo farol" servia como "praça" para diversos moradores, mas que foi esquecido pelo poder público. É importante destacar que o elemento foi apontado como lembrança de um tempo em que a praia era mais "aberta" aos pescadores e que com os grandes projetos, essa relação foi gerando um sentimento de perda. O Farol do Mucuripe (o novo) apareceu nos desenhos e falas dos quatro idosos, sendo um marco importante para os moradores do bairro, servindo como localização (legibilidade), uma vez que, segundo Lynch (2011), dessa maneira a leitura espacial do bairro se torna mais fácil pelos usuários. Além disso, é ponto de encontro entre jovens e idosos, onde as ruas que circundam o Farol acabam servindo como lugar para sentar aos fins de tarde e encontrar pessoas. Na interpretação do sentido da imagem feita pela Idosa 01, podemos perceber a qualidade simbólica que este marco tem para ela e para a vizinhança.

> SENTIDO (interpretação dos pesquisadores): A idosa demonstrou em seu desenho o Farol do Mucuripe como elemento de orientação – tanto para os navios que chegam ao porto, quanto para os próprios moradores do bairro.

Assim, é identificado nesta análise elementos que são referências visuais importantes para uso e apropriação dos moradores/visitantes, além de fazer parte de uma memória afetiva entre os dois públicos. Além da linguagem arquitetônica distinta entre o "Farol Velho e o Novo", outro ponto que chama atenção é a relação existente entre a distância dos mesmos, que é de 2,8km (Figura 2.7).

Figura 2.7: Relação da distância entre o Farol Velho e o Farol Novo (2,8km).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Ainda que o "Farol Antigo" do Mucuripe esteja fora dos limites territoriais geográficos do bairro Vicente Pinzón (2 km), deve ser levado em consideração que os moradores desse território desconsideram tais limites, englobando todo o entorno do Cais do Porto, Mucuripe, De Lourdes, Praia do Futuro I como o Grande Mucuripe. A identificação com o lugar pode ultrapassar os limites geográficos impostos pelo poder público, assim como coloca Cavalcante (2017), a comunidade existente entre os diversos bairros que compõem a ponta leste da capital cearense, considera-se de forma homogênea, parte do Grande Mucuripe. Essa leitura do território e de todos os elementos destacados nas falas dos moradores, devem ser considerados ao se pensar na potencialização da vida urbana.

O Idoso 04, morador recente do bairro (há 4 anos), demonstra em seu desenho o apego pelo Farol do Mucuripe, pois apesar de não ter nascido no bairro é natural da cidade de Fortaleza e sempre ouviu histórias acerca do Grande Mucuripe e do Farol antigo. Após a experiência de morar no bairro nesse período curto de tempo, participando ativamente das atividades propostas pelo Centro Comunitário, o Idoso 04 relaciona a qualidade do lugar com uma fortaleza, no sentido de "território de povo forte". Todavia, o respondente ressalta

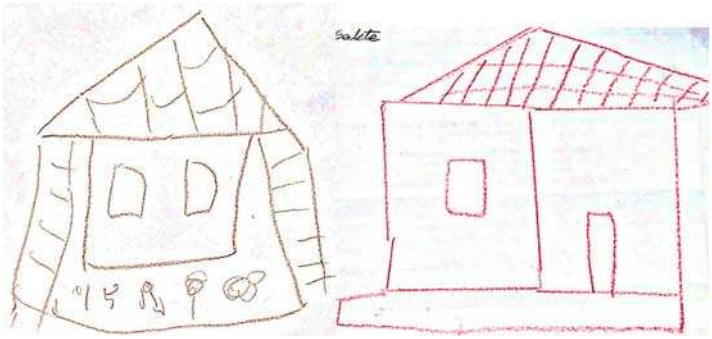
a insatisfação com a mudança no estilo e localização do antigo para o novo farol, pois observou que apesar do simbolismo estabelecido pela vizinhança, algumas das atividades que eram feitas no antigo, se perderam com o tempo.

As colocações anteriores demonstram a desconsideração da opinião dos moradores sobre as modificações arquitetônicas e urbanísticas realizadas em seu território. Isso entra em conflito com os apontamentos de Giuliani (2003), que considera que a potencialização dos vínculos com os lugares se dá partir da identidade construída pelos usuários e com o cuidado em que os mesmos têm por determinado lugar. O Idoso 04 ainda pontua que:

> O Vicente Pinzón e o Grande Mucuripe são os bairros do 'já teve' igual a cidade de Fortaleza (EI_04_75anos).

Ainda sobre as metáforas apresentadas na nuvem de palavras produzida pelos idosos (Figura 2.1), as Idosas 02 e 03 destacam em seus desenhos, um forte apego pelo bairro a partir da possibilidade de interagir nas praças relacionando sua calçada como extensão da própria sala de estar (Figura 2.8). O aspecto positivo atrelado a este elemento urbano, se dá pelo fato de poder sentar à calçada aos fins de tarde, onde segundo as respondentes é bem sombreado e possui uma diversidade de vegetação, plantada e cuidada pelas mesmas. Essas colocações estão ligadas diretamente ao conforto físico e a maior permanência e apropriação dos espaços públicos, apontados por Ferraz (2013), uma vez que a Idosa 02 compara a boa arborização de sua rua com a praça do Mirante.

Figura 2.8: Desenhos dos Mapas Afetivos elaborados pelas Idosas 02 (esquerda) e 03 (direita).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É o que se pode perceber nos resultados das pesquisas de Martins (2021), demonstrando que em áreas não centrais da cidade distintas gerações se encontram para conversar nas calçadas e praças, realizando atividades desportivas nas ruas, principalmente, nos fins de tarde. As idosas ainda ressaltam que se sentem em família na vizinhança que moram, fortalecendo ainda mais a sensação de segurança nos arredores de sua casa e que desejam o mesmo para as praças, como exemplo, a do Mirante.

De modo geral, as idosas têm uma estima positiva pelo bairro classificando-o como "o melhor lugar do mundo", mas é importante destacar um ponto sinalizado pela Idosa 02, que as atividades realizadas no Centro Comunitário, mediadas pelos jovens, a encorajam estar mais ativa atualmente pois a morte recente de seu filho a deixou entristecida por muitos meses dentro de casa. A mesma, diz que "esse movimento" fez com que muitos dos idosos assim como ela, saíssem mais de casa para interagir, dançar, brincar e conversar. Colaborando com a fala anterior, a Idosa 03 acredita que a iniciativa dos jovens que organizam hoje as atividades nos Centros tem papel fundamental para o fortalecimento e a preservação desta memória, além de serem o intermédio para que esses momentos possam se estender para os espaços públicos do bairro.

Assim, foi possível perceber a partir de Bomfim (1996) e Sawaia (2001) que redes de apoio construídas na vizinhança são essenciais para pensarmos na possibilidade de desenvolver cidadãos corresponsáveis, tanto de forma individual quanto social, na ação-transformação ético-política da cidade, uma vez que a conectividade social apareceu como forte elemento favorecedor dos encontros, das apropriações e permanências nos espaços públicos. Isso não quer dizer que os aspectos físicos sejam menos importantes para uma boa qualidade ambiental, mas que as relações construídas em determinado lugar precisam ser prioridade se for almejada uma cidade mais plural e democrática. A participação popular precisa ser figura

principal na construção das cidades e essa intervenção precisa acontecer na base, ou seja, na elaboração de políticas urbanas efetivas que respeitem cada realidade e contribuam para uma maior preservação do senso de lugar.

Diante dos resultados alcançados nesta pesquisa com o intuito de compreender como a interação entre jovens e idosos pode potencializar as relações pessoa/ambiente e, por consequência, a vida urbana de forma mais ampla, foram elaboradas as seguintes diretrizes urbanas a fim de conceber os espaços públicos sob as óticas do senso de lugar e do ambiente construído e natural, favorecendo assim as relações afetivas entre grupos de usuários intergeracionais. Como política pública inicial, deve ser estimulado que o CRAS e CITS Mucuripe possa potencializar suas atividades intergeracionais nos espaços públicos para que incentive o envolvimento e a responsabilidade das comunidades situadas no entorno da área no processo de implantação, operacionalização e gestão do bairro. Para isso, é fundamental implementar uma arborização adequada, calçadas apropriadas, bancos e canteiros ao longo das vias, facilitando a interconexão entre as praças existentes.

Além disso, é essencial desenvolver estratégias em parceria com os Centros Sociais e Comunitários para incentivar, nas escolas, a educação patrimonial e a preservação do patrimônio material e imaterial do bairro, como o antigo Farol do Mucuripe. Isso ajudará a garantir que as futuras gerações compreendam a importância de se apropriar e cuidar desse espaço. A pavimentação das ruas onde são feitas as conexões entre as praças e os principais equipamentos do bairro deve ser feita com piso intertravado e/ou paralelepípedo drenante, evitando o uso de asfalto, em função do clima de Fortaleza. Essa medida não apenas melhora o acesso às praças e equipamentos sociais, mas também complementa a proposta de criar feiras semanais nas praças e nas ruas, promovendo a ocupação do espaço público e impulsionando o comércio local. Essas feiras, organizadas pelo CITS Mucuripe e pelo Centro Comunitário, podem ocorrer em horários diurnos e noturnos, aumentando a interação comunitária. Mas, aliado à esta diretriz é importante que seja implementado um sistema de drenagem que se integre aos sistemas de pavimentação, em conjunto com o incentivo à coleta seletiva, utilizando assim um calçamento ecológico para garantir mobilidade e acessibilidade aos pedestres. Com isso, a realização de eventos culturais periódicos nas praças pode ser potencializada e ajude a valorizar o comércio e a cultura local, contribuindo para um turismo sustentável e inclusivo.

A melhoria da iluminação dos espaços de convivência e das vias, aliada à requalificação das escadarias por meio de intervenções de urbanismo tático, também é essencial para criar ambientes mais seguros e acolhedores. A estruturação das escadarias existentes no bairro pode incentivar ainda que as pessoas caminhem em grupos, fazendo trilhas urbanas, possibilitando a permeabilidade visual entre a comunidade e os visitantes, além de oportunizar a troca de experiências. Algo que poderá ser utilizado na requalificação dos espaços de caminhada é o grafite, que pode contribuir com o sentimento de identidade local e a valorização da ação dos jovens residentes no bairro, que poderiam desempenhar tal ação em conjunto com os idosos, via Centros Comunitários.

Por fim, aumentar a arborização das ruas também é fundamental, tomando como referência a qualidade de sombreamento da Praça do Mirante e o arranjo dos elementos paisagísticos deve equilibrar variedade e repetição, harmonia e contraste, promovendo fluidez na paisagem. Deve ser pensado também na criação de hortas urbanas comunitárias, com a participação dos jovens voluntários do CITS Mucuripe e do Centro Comunitário, para fortalecer o intercâmbio entre gerações, promovendo o cuidado e o cultivo das hortas, e trazendo mais identidade, coesão e vida à comunidade.

4 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo compreender como a interação entre jovens e idosos, com base nas apropriações e nos afetos, pode cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana. Quanto aos resultados obtidos, verificou-se que os ambientes são agradáveis e de modo geral são vistos como positivos por ambas as gerações. As relações que se formam na vizinhança congregam um vínculo positivo com o lugar tanto pelos jovens quanto pelos idosos. Apesar de toda a insegurança e pressão entremeadas em um território vulnerável que sofre com a especulação imobiliária, o costume da pesca, da dança, das atividades intergeracionais realizadas nos Centros Sociais, são alguns dos pontos de resistência que a comunidade do bairro Vicente Pinzón se utiliza para manter as tradições de seu território. Um lugar, que como um todo para os respondentes pode ser considerado “casa”, onde todo mundo se conhece e luta diariamente para garantir o mínimo oferecido. Por fim, o sentimento não é de um lugar que necessita de reparos, mas sim de um olhar digno de garantia de uma vida melhor, desde os problemas urbanos até a sensação de estar seguro nos locais que são simbólicos para as distintas gerações aqui estudadas.

Por fim, as sugestões para futuras investigações é que áreas vulneráveis sejam priorizadas por um olhar de um corpo técnico que faça o intercâmbio da voz dessa população com o poder público e efetivem de fato as estratégias elaboradas por outros estudos assim como esse. A luta de uma comunidade por um ambiente considerado positivo, pauta-se por adaptações realizadas ao longo do tempo pelas necessidades dos próprios moradores e não na reprodução de projetos padronizados. Os desdobramentos desta pesquisa urgem da necessidade de investigar o preconceito etário ainda latente nos dias atuais e as atividades intergeracionais na cidade trazendo pautas sobre o racismo, LGBTQIAPN+fobia, possibilitando assim uma rotatividade geracional mais coerente com a contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, D; HOGG, M. A; MARQUES, J. M. A social psychological framework for understanding social inclusion and exclusion. In: ABRAMS, D.; HOGG, M. A.; MARQUES, J. M. (Eds), **The social psychology of inclusion and exclusion**. Psychology Press: New York, 2005, pp. 1-23.

ALBUQUERQUE, D. da S. **A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**. (136 p). Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ANDRADE, C. M.; OSORIO, N. B.; SINESIO NETO, L. **Avô-Neto***:* uma relação de risco e afeto. Santa Maria. Biblos, 2008.

BERTINI, F. M. A. **Do corpo igual vazio ao corpo semelhante útil***:* análise dos afetos em uma cidade planejada na perspectiva da filosofia de Espinosa em diálogo com a Psicologia Social. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade***:* estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. 100 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica - PUC. São Paulo, 2003.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade***:* estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM; Z. A. C; DELABRIDA; Z. N. C.; FERREIRA K. P. M. Emoções e afetividade ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Psicologia ambiental:** conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. (p. 60-74). Editora Vozes. Edição do Kindle. 2018.

BOMFIM, Z. Á. C.; MARTINS, A. K. S.; LINHARES, D. Estimar os jovens é estimar a escola, o bairro e a comunidade. In: MACHADO, F. V.; MASSOLA, G.; RIBEIRO, M. A. T. (Org.). **Estado, Ambiente e Movimentos Sociais.** Coleção Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos, v. 1. Florianópolis: ABRAPSO/Edições do Bosque, 2015, pp. 284-302.

CARVALHO, M. C. B. N. M. Relações Intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. **Revista Portal de Divulgação**, v.3, n. 28, dez. 2012. Disponível em: https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/321/321. Acesso em: 19 mai. 2021.

DINES, N.; CATTELL, V.; GESLER, W.; CURTIS, S. **Public spaces, social relations and well-being in East London**. Bristol: The Policy Press, 2006.

FERRAZ, V. de S. **Hospitalidade urbana em grandes cidades**. São Paulo em foco. 265p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2013.

FERREIRA, M. de F. de J. A. **O idoso e a criança***:* o significado da relação ao contar histórias. 182f. Dissertação de Mestrado em Gerontologia - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GALLO, D; BESSA, E. Qualidade de Vida Urbana como Política Pública: o movimento cidades saudáveis. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 04, n. 27, 2016, pp. 14-23. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/1351/1373 Acesso em: 29 mai. 2021.

GONZÁLEZ-CELIS, R.; ESQUIVEL, H.; JIMÉNEZ, F. Impacto de un aula para personas mayores sobre la calidad de vida. Una experiencia inter-generacional. Avances de un proyecto. **Revista Interamericana de Educación de Adultos**. v.27, n.1, p. 95-109. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=457545085003. Acesso em: 10 jun. 2021.

GÜNTHER, H. Entrevista. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos Pessoa-Ambiente**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 75-104.

HELLER, A. **Teoria de los sentimientos**. Tradução de Francisco Cuso. 3. ed. México: Distribuiciones Fontamara. 1993.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. (Texto original de 1961)

KAPLAN, M; HAIDER, J; ARCH, U. C. D.; ARCH; D. T. B. Environmental Design Perspectives on Intergenerational Programs and Practices. **Journal of Intergenerational Relationships**, v. 5, n. 2, p.81-110, 24 set. 2007. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1300/j194v05n02_06. Acesso em: 13 ago. 2021.

LAYNE, M. R. **Supporting Intergenerational Interaction:** Affordance of Urban Public Space. 2009. 721 f. Tese (Doutorado). Curso de Design, North Carolina State University, Raleigh, 2009. Disponível em: <https://repository.lib.ncsu.edu/handle/1840.16/4834?show=full>. Acesso em: 08 jun. 2021.

LONDON. S. V. London Development Agency. **Supporting an intergenerational centre in London***:* Scoping the evidence. London: Policy Studies Institute, 2008 (17 p). Disponível em: <http://www.psi.org.uk/pdf/2007/ ScopingIntergenerationalPractice.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: WMF / Martins Fontes, 2011. (Texto original de 1960).

MARTINS, D. F. **Entre liberdades e restrições***:* experiências na mobilidade urbana de crianças nos trajetos casa-escola-casa em Quixadá, Ceará. (241p). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2021.

MELVILLE, J; HATTON-YEO, A. *Intergenerational shared spaces in the UK context.* In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 50-64. Disponível em: https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781135008192_A25032558/preview-9781135008192_A25032558. Acesso em: 19 mai. 2021.

O'SULLIVAN, C; MULGAN, G; VASCONCELOS, D. **Innovating better ways of living in later life***:* Context, examples and opportunities. Londres: The Young Foundation, 2010. 39 p. Disponível em: <https://youngfoundation.org>. Acesso em: 08 dez. 2016.

PHILLIPS, J. Older people's use of unfamiliar spaces. In ROWLES, G. D.; BERNARD, M.(eds). **Environmental Gerontology**: Making Meaningful Places in Old Age. pp. 199-224. New York: Springer Publishing Company, 2013.

PINHEIRO JUNIOR, G. Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.6, n.1, 2005. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/ index.php/linhas/article/view/1255 Acesso em: 14 mar. 2021.

PLACE AGE NEWSLETTER. **Age friendly communities**. [s.l.]: Place Age, jul. 2018. Second Edition. Disponível em: <https://issuu.com/placeage/docs/final-newsletter-second-edition-2018>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA (PMF). **Requalificação Praça no Vicente Pinzón**. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-entrega-requalificacao-da-praca-jose-lopes-da-silva-no-vicente-pinzon> Acesso em: 11 jul. 2022.

QUINTAS, S. **Percepção de técnicos e indivíduos "sem-abrigo***":* Histórias ocultas de uma realidade do Porto. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2010.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 99-119.

SEAMON, D.; GILL, H. K. Qualitative Approaches to Environmental-Behavior Research: understanding environmental and places experiences, meanings, and actions. *In*: GIFFORD, R. (edit.) **Research Methods for Environmental Psychology**. 1th ed. Hoboken: Jon Wiley & Sons Ltd, 2016. p. 115-135.

SOUSA, F.; ALMEIDA, S. M. D. E se perguntássemos aos Sem-Abrigo?!! Satisfação e necessidades percepcionadas face aos serviços, num abrigo de Lisboa**. Análise psicológica**, v.19, n.2, p. 299-312, 2001. Disponível em: http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/361 Acesso em: 15 set. 2021.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.